Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.133

Divulgação

#cm2

QUINTA-FEIRA

EMPINANDO SONHOS

Embalado numa **maratona internacional para emplacar 'Feito Pipa' no Oscar,** o cearense **Allan Deberton fala ao Correio da Manhã** sobre as estratégias para conquistar a Academia de Hollywood à luz de uma **saga sobre família que passa esta tarde na Mostra de São Paulo,** no CineSesc, e será projetado no **Rio de Janeiro esta noite, às 21h,** na reabertura do Odeon. Páginas 2 e 3

ENTREVISTA | **ALLAN DEBERTON**

CINEASTA E PRODUTOR

'Família não é uma estrutura natural e acabada; é uma construção diária'

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Se você não aguenta de ansiedade para entender por que a Academia Brasileira de Cinema escolheu "Feito Pipa" para representar o Brasil na briga por uma vaga no Oscar, há dois jeitos de abrandar (logo) esse coração, já que a estreia dessa joia ficou para o próximo dia 5. Solução nº 1: estar às 17h, no CineSesc, para conferir a passagem desse rolo-compressor afetivo pela Mostra de São Paulo, que encerra nesta quinta a sua 50ª edição. Solução nº 2: às 21h, desta noite, o filme de Allan Deberton será exibido no Odeon, marcando a reabertura da sala de projeção mais tradicional da cidade. Até o dia 4 de novembro, esse bem-humorado drama familiar, pop como uma boa "Sessão da Tarde", vai ocupar o gigante audiovisual da Cinelândia, com duas sessões diárias (às 16h30 e às 19h) a um precinho camarada de R$ 12.

Empenhado em desbravar mundos, até chegar ao coração da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, o longa-metragem, chamado lá fora de "Gugu's World", abriu seus trabalhos em fevereiro, na Berlinale, onde conquistou o Urso de Cristal, concedido pelo Júri Infantil Generation Kplus, e o Grand Prix do Júri Internacional da Mostra Generation Kplus. No Brasil, "Feito Pipa" recebeu Kikitos de Melhor Direção, Melhor Atriz (Teca Pereira) e Melhor Ator Coadjuvante (Lázaro Ramos), menção honrosa para o astro mirim Yuri Gomes e a láurea do Júri Popular.

No mercado internacional, o longa tem vendas conduzidas pela M-Appeal, com acordos de distribuição na Dinamarca, Bélgica, Indonésia, Holanda, Espanha, Argentina e Colômbia.

Yuri é Gugu, um craque de bola, órfão de mãe, cuja identificação com a cultura queer gera homofobia em um ou outro coleguinha de escola, o que ele enfrenta à força de dribles memoráveis e na coragem de se afirmar. No geral, é querido em seu colégio. Mais querido ainda ele é por Dilma, sua avó, vivida por Teca Pereira, com quem mora, numa felicidade das mais plenas. Essa alegria só muda quando Dilma dá sinais de demência, o que obriga o menino a ir morar com seu pai, um caminhoneiro nada tolerante (Lázaro Ramos).

Divulgação



Allan Deberton e Yuri Gomes na Berlinale, de onde 'Feito Pipa' saiu com o Urso de Cristal

Premiadíssimo na década passada por "Pacarrete" (2019), Deberton, um símbolo da força estética do Ceará nas telas, parou uns minutinhos o processo de promoção internacional de "Feito Pipa" para explicar como fez dele a maior diversão. Na entrevista a seguir, ele ainda adianta ao Correio da Manhã detalhes de seu próximo longa, já no forno.

"Feito Pipa" tem ganhado corações pelo mundo e, no Brasil, vai reabrir o Odeon. O que há de simbólico nessa missão? O que significa passar na mais antiga e histórica casa de exibição do Rio? Em paralelo, o que a Mostra te dá?

Allan Deberton - É maravilhoso que o Gugu, com toda a sua irreverência, esteja na abertura de uma sala tão importante para o cinema brasileiro! O Odeon faz parte da nossa memória afetiva. Na Mostra de São Paulo , nossa estreia foi linda, muito emocionante, com cinema lotado! Depois de tantas viagens, estou muito feliz de finalmente compartilhar "Feito Pipa" com o público de casa e, sobretudo, de ouvir o que ele vai provocar aqui.

"Feito Pipa" foi escolhido pela Academia Brasileira de Cinema para representar o Brasil na corrida pelo Oscar. A partir dessa escolha começa outra batalha, que envolve campanha, exibições, conversas com votantes e a construção de visibilidade internacional. Qual é a estratégia que vocês desenharam para fazer o filme – cujo título lá fora é "Gugu's World" - circular entre os membros da Academia de Hollywood e o que você acha que ele tem de particular para se destacar numa disputa com produções de dezenas de países?

Chamado lá fora de "Gugu's World", o longa abriu seus trabalhos na Berlinale, onde conquistou o Urso de Cristal e o Grand Prix do Júri Internacional da Mostra Generation Kplus

No Brasil, "Feito Pipa" recebeu Kikitos de Melhor Direção, Melhor Atriz e Melhor Ator Coadjuvante, menção honrosa para o astro mirim Yuri Gomes e a láurea do Júri Popular

Jamille Queiroz/Divulgação



Dilma (Teca Pereira) e Gugu (Yuri Gomes) lavam roupa e enxaguam cumplicidades

Estamos fazendo uma campanha intensa para que o filme seja visto. Temos uma equipe nos Estados Unidos, sessões em Los Angeles e Nova York, encontros com votantes, imprensa e muitas conversas. O nosso argumento: "Feito Pipa" é um filme com personalidade, humor, emoção e coragem para tratar de assuntos difíceis sem transformar tudo em discurso. O que mais nos anima é ver as pessoas saírem da sessão querendo conversar. A campanha serve para criar esses encontros e ampliar essa conversa. É uma experiência nova e muito intensa, mas estamos ocupando cada espaço possível e torcendo muito.

A carreira internacional do filme começou com uma consagração na Berlinale; passou por Gramado, onde recebeu cinco prêmios; ampliou seu prestígio no Festival do Rio; e busca os holofotes finais da Mostra de São Paulo – que termina hoje - antes da corrida pelo Oscar. O que você descobriu sobre "Feito Pipa" vendo públicos tão diferentes reagirem a Gugu? Existe alguma coisa nessa história tão brasileira, tão ligada ao Ceará e a Quixadá, que você percebeu ser absolutamente universal?

O Gugu conquista as pessoas porque não tenta explicar quem ele é. Ele simplesmente vive: brinca, joga futebol, se maquia, dança, fica com a avó. As crianças entendem isso imediatamente. Já os adultos tendem a transformar cada gesto em diagnóstico, conflito ou previsão de futuro. Muitas vezes, crianças e adultos assistem a filmes diferentes dentro da mesma sessão. E isso me interessa muito.

Jamille Queiroz/Divulgação



Batista (Lázaro Ramos) mira o filho com a reprovação dos intolerantes em 'Feito Pipa'

> *"O Gugu gosta de futebol, mas também gosta de se maquiar, dançar e experimentar. Para ele, não existe contradição. A contradição é inventada pelos adultos. A infância ainda não aceitou as regras estreitas que a sociedade impõe aos meninos"*

Gugu sonha em se tornar jogador de futebol, mas o filme parece interessado menos no esporte propriamente dito do que naquilo que esse sonho revela sobre um menino tentando descobrir que homem deseja ser. Como você trabalhou essa ideia de masculinidade a partir de uma criança que ainda tem a liberdade de experimentar o mundo antes que os adultos lhe imponham definitivamente seus códigos?

O Gugu gosta de futebol, mas também gosta de se maquiar, dançar e experimentar. Para ele, não existe contradição. A contradição é inventada pelos adultos. A infância ainda não aceitou as regras estreitas que a sociedade impõe aos meninos. O futebol aparece como uma tentativa de se aproximar do pai, de encontrar uma linguagem comum, mas não define o menino. O pai, por sua vez, foi educado dentro de um modelo de masculinidade rígido, em que afeto e vulnerabilidade parecem ameaças.

Há uma disputa afetiva muito bonita entre a liberdade que Gugu encontra ao lado da avó e a relação mais difícil que mantém com o pai. Até que ponto "Feito Pipa" é também um filme sobre diferentes maneiras de exercer cuidado, autoridade e amor dentro de uma família — e sobre a possibilidade de uma criança escolher, ou pelo menos reivindicar, a família na qual se sente acolhida?

A relação entre Dilma e Gugu é uma cumplicidade entre duas crianças. Ela dá a ele liberdade; ele devolve a ela alegria e presença. Mas essa relação também carrega uma inversão dolorosa: o menino começa a cuidar de quem sempre cuidou dele. É aí que a infância deixa de ser protegida e passa a carregar um peso que não deveria ser seu. O pai tenta cuidar por meio da autoridade, mas muitas vezes confunde proteção com controle. Não queríamos - André Araújo, o roteirista, e eu - um pai vilão, nem uma avó idealizada. Queríamos pessoas reais, limitadas, tentando amar com as ferramentas que têm. No centro está Gugu, tentando descobrir em quem confiar.

Você filma Quixadá sem transformá-la simplesmente em cartão-postal do Ceará. A paisagem parece interferir na formação de Gugu, na liberdade do corpo dele e até no ritmo da narrativa. O que aquela geografia ofereceu à dramaturgia que você talvez não tivesse encontrado se essa mesma história fosse filmada numa grande cidade?

Quixadá dá força do filme. Os monólitos, a luz e a imensidão dão ao mundo do Gugu uma dimensão quase fantástica. Ao mesmo tempo, a paisagem imensa contrasta com a fragilidade crescente daquela família. Eu não queria filmar um sertão turístico ou decorativo. Queria que Quixadá fosse vivido pelos personagens, com sua beleza, sua dureza e seu cotidiano. O Ceará que me interessa é justamente esse lugar em que o extraordinário não precisa ser anunciado: ele está ali, convivendo com o banal.

O elenco junta nomes muito experientes, como Lázaro Ramos e Teca Pereira, a Yuri Gomes, que carrega uma parcela enorme da emoção do filme. Como foi dirigir Yuri sem tirar dele aquilo que existe de espontâneo na infância? E em que medida os atores adultos tiveram também de ajustar seus tempos e seus métodos ao tempo particular dele?

O Yuri é um ator extraordinário. Ele tem uma energia própria, uma inteligência muito aguda e uma capacidade rara de passar do humor à emoção sem perder a espontaneidade. A Teca e o Lázaro entenderam isso desde o início. Apesar da experiência enorme, entraram no universo do Yuri com generosidade e escuta. Não existe uma hierarquia entre eles. Os três se deixam afetar uns pelos outros, e é isso que torna a relação tão verdadeira. Tenho um orgulho imenso desse elenco.

Você já prepara um novo filme, agora centrado na adoção. O que esse projeto herda de "Feito Pipa"? Existe uma continuidade na sua vontade de investigar famílias que escapam ao modelo convencional e, do ponto de vista da forma, esse novo longa conserva alguma coisa da liberdade, da escala íntima e do olhar sobre a infância que você encontrou em "Gugu's World", ou a adoção está levando seu cinema para uma linguagem diferente?

"Feito Pipa" e "A Adoção", meu próximo longa, tem uma inquietação em comum: família não é uma estrutura natural e acabada; é uma construção diária, feita de escolhas, conflitos e responsabilidade. O que me interessa é acompanhar pessoas que insistem em existir de maneira própria, mesmo quando o mundo tenta enquadrá-las. Não quero repetir uma fórmula nem fazer o mesmo filme de novo. Quero continuar investigando família, desejo, liberdade e pertencimento por caminhos diferentes. Cada filme é um grande desafio e acho muito bom não ter respostas fáceis.

Divulgação



'Era Uma Vez No Oriente Médio' é um dos maiores sucessos de bilheteria do ano, com quase US$ 360 milhões de receita

Negócio(s) da China

'Era Uma Vez No Oriente Médio', que já faturou US$ 356 milhões, traz para a reta final da Mostra a excelência do cinema comercial chinês, que tem disputado espaço com Hollywood

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Fenômenos de bilheteria também têm espaço em eventos que celebram a invenção como é caso da Mostra de São Paulo, embora seu interesse por máquinas de lucrar não corresponda a critérios capitalistas hollywoodianos, o que levou à escolha do chinês "Era Uma Vez No Oriente Médio" ("Huan ying lai Long can guan"). Com sessão nesta quinta, às 19h30, no Cine Satyros Bijou, neste dia de encerramento da maratona paulistana, esta produção estrelada por Shen Teng já faturou US$ 356 milhões só em solo asiático. É a 14ª maior bilheteria de 2026. Estreou na esteira de outro arrasa-quarteirão da China, "Pegasus 3", aventura automobilística que arrecadou US$ 656 milhões.

Em "Era Uma Vez no Oriente Médio", com direção Wen Muye, o chef Xu Fu busca o recomeço profissional e, para isso, viaja para terras árabes para sustentar a família e pagar suas dívidas. Ao lado do gerente Ma Junsheng, ele reergue o Restaurante Dragão e o transforma em um negócio bem-sucedido. Mas, quando a guerra toma conta da cidade, o sucesso conquistado com tanto esforço é destruído e o restaurante se torna um refúgio para aqueles que se viram presos em meio ao conflito. Com o perigo cada vez mais próximo, Xu Fu precisa arriscar tudo para proteger sua nova comunidade e manter acesa uma pequena chama de esperança em meio à devastação.

Desde a pandemia, a China passou a ser a pátria número dois, ano após ano, em quantidade de blockbusters anuais, competindo com os EUA. O maior acerto daquele país em cifras é "Ne Zha 2 - O Renascer da Alma", uma animação de 2025, que faturou US$ 2,2 bilhões.

Na lista dos maiores faturamentos de janeiro até agora, a China se fez notar com "Dear You", de Lan Hongchun, um romance dramático que alcançou US$ 291 milhões exclusivamente em mercados internacionais. Conta com uma narrativa sentimental centrada em reencontros e perdas familiares, apostando numa combinação de melodrama e apuro visual que dialoga com o grande público asiático. Outro destaque à chinesa "Blades of the Guardians", adaptação feito por Woo-Ping Yuen da popular HQ de artes marciais criada por Xu Xianzhe. Com US$ 215,3 milhões arrecadados, o longa praticamente ignorou o circuito americano, onde faturou menos de 1% de sua receita total. Apostando numa sofisticada combinação de ação, fantasia e estética inspirada na tradição wuxia, a produção consolidou-se como um dos maiores êxitos da animação chinesa recente, mostrando que o gênero continua em expansão muito além dos estúdios ocidentais.

Outro título chinês a superar a marca dos US$ 100 milhões foi "Scare Out", do medalhão autoral Zhang Yimou, que soma US$ 200,3 milhões. Misturando horror sobrenatural e suspense psicológico, o longa encontrou enorme receptividade entre os espectadores asiáticos, explorando elementos do folclore local e uma atmosfera de terror bastante distinta da tradição hollywoodiana. Sem presença significativa no circuito americano, tornou-se mais uma demonstração de que o gênero do horror também pode gerar blockbusters inteiramente produzidos para o mercado oriental.

DICAS DE QUINTA

POR **RODRIGO FONSECA**

Divulgação



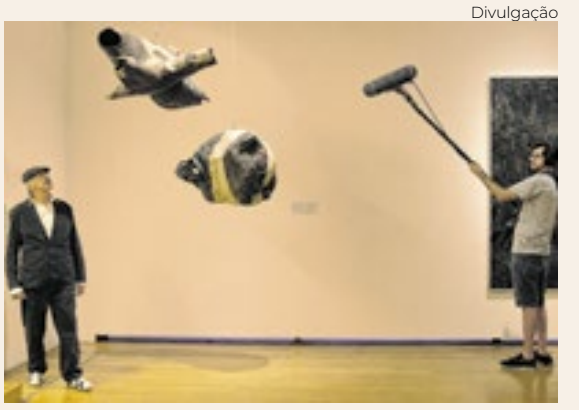
MARIA DE MARIA, de Luiza Shelling Tubaldini (Brasil): Nanda Costa tem uma atuação visceral como uma cangaceira grávida em fuga e que consegue um pedaço de terra para plantar e com a ajuda de um minerador formado em Geologia (João Campos) tem a chance de esboçar um protótipo de família num faroeste que conversa com a tradição das HQs. O longa ganhou o troféu Olhar Brasil, do Correio da Manhã, no Festival do Rio. Onde: Reserva Cultural 1, 15h15.

Divulgação



OS DIAS LIVRES OS DIAS LIVRES ("Los Días Libres"), de Lucila Mariani (Argentina/ Brasil): Victoria Pereda é a diretora de fotografia desta coprodução entre tierras hermanas e vem sendo elogiada por seu esmero nos enquadramentos. Num amanhã que não tarda a chegar, durante suas férias de verão intermináveis, com um eclipse solar a se aproximar, Bego, de 12 anos, luta para encontrar o seu lugar na família e entre as meninas de sua idade. Onde: Estação Petrobras 1, 13h30.

Divulgação



O FANTASMA, de Ignacio Masllorens e David Lamelas (Argentina): Cabe a nuestros hermanos a tarefa de encerrar a programação da maratona paulista, na chave do humor. Duas jovens produtoras recebem a missão de realizar um documentário sobre uma figura reclusa e enigmática da vanguarda argentina dos anos 1960. O que começa como um projeto claro e bem definido, baseado em entrevistas e materiais de arquivo, questiona sobre como tornar visível quem escolheu desaparecer? Onde: Cinesystem Frei Caneca 3, 22h.

ABRE-ALAS DO CORREIO

SÉRIE ESPECIAL
DOS ENREDOS DE 2027

UNIDOS DE VILA ISABEL

A Vila, novamente, canta e conta a luta pela terra

Com 'Torto arado', Haddad e Bora levam do sertão baiano à Avenida a briga pela terra, a fé do jarê e uma encantada que viu tudo e resolveu contar

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

Alexandre Macieira/Riotur



Imagem da Vila Isabal no Desfile das Campeãs de 2026

O livro começa com uma faca guardada numa mala velha, duas irmãs curiosas demais e uma dor que vai durar a vida inteira. Não é, digamos, o assunto predileto de uma avenida de desfiles que costuma preferir confete. A Unidos de Vila Isabel decidiu encarar mesmo assim, e vai atravessar a Marquês de Sapucaí com um dos romances mais premiados da literatura brasileira recente: "Torto arado", de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019 e vencedor do LeYa, do Jabuti e do Oceanos.

O enredo se chama "Torto arado - sobre a terra há de viver sempre o mais forte" e foi anunciado em 13 de maio de 2026, data que a escola escolheu a dedo para lembrar que a Abolição não terminou o assunto. A história se passa na fazenda Água Negra, onde as famílias de trabalhadores moram em troca de trabalho, plantam o que não fica pra elas e aprendem cedo que teto e terra são coisas diferentes.

Quem conta a história é uma encantada: Santa Rita Pescadeira, testemunha de uma comunidade quilombola que reza, planta e resiste. Há ainda uma estreia: o jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina, que nunca havia passado na Sapucaí. Quem leu o livro vai se reconhecer na Avenida; quem não leu vai sair correndo atrás dele.

O desafio de transformar o romance em carros alegóricos e fantasias não é simples: livro tem páginas, desfile tem oitenta minutos e nenhuma vírgula. Leonardo Bora avisa que a ideia é outra: "Obviamente, não será uma tradução literal." Gabriel Haddad conta que o tema vem sendo pensado desde 2023, o que, em tempo de carnavalesco, equivale a uma gestação de elefante. Do outro lado, o autor aprovou: "É uma honra ver essa história ocupar a Avenida e encontrar o povo."

A dupla chega ao segundo ano de Vila Isabel com crédito. Estreou no Grupo Especial em 2020, pela Grande Rio, e em 2022 ganhou o primeiro título da história da escola de Caxias, com "Fala, Majeté! Sete chaves de Exu". Em 2026, já na Vila, mostrou Heitor dos Prazeres no desfile "Macumbembê, Samborembá" e terminou em terceiro, na briga pelo título. A pesquisa agora é de Vinícius Natal, que traz uma frase de Analimar, filha de Martinho da Vila: "A Vila é uma escola de luta."

Luta, de fato, é parte da herança. A azul e branco da Avenida 28 de Setembro tem três títulos no Especial: 1988, com o histórico "Kizomba", no ano do centenário da Abolição, 2006 e 2013. Neste último, cantou o Brasil como "celeiro do mundo". Em 2027, pergunta de quem é a terra onde o celeiro foi plantado. Nos últimos cinco carnavais foi quarta, terceira, sexta, oitava e de novo terceira, oscilando entre a vizinhança do título e o meio da tabela. Depois de orixás, assombrações e sonhos de África, a escola desce à terra. Literalmente.

De alguma forma, trata-se de um retorno ao passado. Em 1990, a Vila desfilou com "Se essa terra fosse minha...", uma evocação pela reforma agrária num Brasil que havia só dois anos antes promulgado sua nova Constituição.

E Martinho, claro, está novamente no meio desse contexto. Presidente de honra aos 88 anos, assina o samba ao lado de Evandro Bocão e André Diniz, depois de uma final polêmica, quando a direção reverteu a decisão de promover uma junção de sambas.

Tinga segue no microfone, o casal Raphael Rodrigues e Dandara Ventapane leva o pavilhão, Alex Neoral e Márcio Jahú assinam a comissão de frente e Sabrina Sato reina na bateria de Macaco Branco.

A Vila será a quarta escola do domingo de Carnaval, 7 de fevereiro. Na Sapucaí, terra onde todo mundo pisa e poucos perguntam de quem é.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA: GRES Unidos de Vila Isabel
FUNDAÇÃO: 4 de abril de 1946
CORES: Azul e branco
PRESIDENTE: Luiz Guimarães
PRESIDENTE DE HONRA: Martinho da Vila
ENREDO: "Torto arado - sobre a terra há de viver sempre o mais forte"
DESFILE: domingo, 7 de fevereiro de 2027 (4ª escola) **CARNAVALESCOS:** Leonardo Bora e Gabriel Haddad
PESUISA: Vinícius Natal
DIRETOR DE CARNAVAL: Moisés Carvalho
INTÉRPRETE: Tinga
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Raphael Rodrigues e Dandara Ventapane
BATERIA: Macaco Branco
RAINHA DE BATERIA: Sabrina Sato
COMISSÃO DE FRENTE: Alex Neoral e Márcio Jahú
TÍTULOS NO GRUPO ESPECIAL: 1988, 2006 e 2013

SAMBA-ENREDO

COMPOSITORES: Martinho da Vila, André Diniz e Evandro Bocão

Sou a voz da encantaria
Das memórias e magias
Tortuosa travessia que o destino reservou
E a poeira anuviou
A cobiça inebriante lapidava diamantes
Num terreno traiçoeiro
Muito rico e feiticeiro
Era tanta terra pra plantar
Quando a pedra parou de cantar
Não é doce o mel da cana, sinhá
E adeus pra Caxangá
Água Negra, sol abrasador, casa de barro
E uma gente de valor

Na brincadeira, o batuque do jarê
Rodo na gira do corpo pra corpo benzer
À luz do velho Nagô, o lume de um lampião
O caruru na tijela, comendo com a mão

O caruru na tijela, comendo com a mão à luz
Do velho Nagô, o lume de um lampião
Rodo na gira do corpo pra corpo benzer
Na brincadeira, o batuque do jarê

Mas tudo não finda quando cai o curador
A professora da as mãos à profetiza
Nos dramas, na lida, na fé e no amor
Mulheres destemidas não se calam
Contra injustiças e grilhões
E a luta pela terra vai seguindo gerações

A semente que ficou, é se juntar
Dividir o que plantou, e se a vida derrubar
Sou eu que enxugo o pranto,
Sou eu de azul e branco
Na favela ou no campo, te levanto pra lutar

Nas páginas de um livro admirado
Torto Arado é retrato brasileiro

A nossa Vila, mais que uma escola
Aguerrida quilombola, risca o chão desse terreiro
Vila, mais que uma escola aguerrida
Quilombola, risca o chão desse terreiro

(Vamos lá, Vila Isabel!!!)

Música que canta **(e encanta)** ao coração

De Pink Floyd a Ed Sheeran, Matteo Bocelli compartilha suas inspirações com o Correio da Manhã. Cantor italiano se apresenta no Rio nesta quinta

PEDRO SOBREIRO

Na noite desta quinta (29), o cantor Matteo Bocelli, filho do lendário tenor Andrea Bocelli, chega ao Vivo Rio para apresentação única da turnê 'Falling In Love' na cidade.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Matteo falou sobre suas inspirações para compor as músicas que fizeram dele um dos maiores expoentes do pop romântico da atualidade. Seu estilo é marcado por arranjos de música clássica que embalam letras sobre romance. Para o músico, esse tipo de composição é o que dialoga com seu coração.

"Cresci com esse tipo de música. Não quero dizer que seja a música 'certa', não existe uma música certa, mas é definitivamente um estilo de música que fala muito comigo, e é por isso que quero continuar insistindo e explorando a fundo esse estilo no mundo musical. E olha, eu acho que, acima de tudo, você tem de fazer o que parece certo para você, o que parece autêntico para você", explica. "Porque se você tenta fazer algo que não reflete quem você é, isso será um fracasso. Então, a minha filosofia é simplesmente continuar fazendo o que me faz feliz e me mantém animado para criar música", completa o intérprete, dono de uma voz aveludada e expressiva que une a herança clássica da família ao repertório pop romântico que abraçou.

Divulgação



Matteo Bocelli, expoente do pop romântico, chega ao Rio para a penúltima etapa da turnê no país

Mas nem só com arranjos clássicos se constrói um bom pop romântico. Questionado sobre suas influências para o 'Falling In Love', Matteo voltou à adolescência e às misturas de gêneros musicais que ajudaram a compor seu gosto pessoal.

"Quando eu estava gravando esse disco, eu ouvia muito Dire Straits, Pink Floyd... Estamos falando de gigantes da música, então são inspirações, mas é impossível tentar comparar. E nem quero nada parecido. Mas sim, desde a adolescência, eu ouvia muitos gêneros diferentes. Eu ouvia Paolo Nutini, Ed Sheeran, Bruno Mars, mas também podia ouvir algo como Toquinho. De vez em quando, também gosto de ouvir rap, não fico preso a um único gênero. São fases que a gente acaba tendo", avalia.

Matteo diz que acreditar não ter nada a ensinar, mas tudo a aprender. "Estou dando o meu melhor, e isso me deixa feliz. Já estou começando a trabalhar em um novo disco, mas primeiro vamos fechar este ciclo belíssimo no Brasil", avisa.

SERVIÇO

MATTEO BOCELLI - FALLING IN LOVE
Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85 – Parque do Flamengo)
29/10, às 21h
Ingressos a partir de R$ 336 e R$ 168

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Uma celebração à obra Luis Carlos da Vila

Divulgação



Augusto Martins e Cláudio Jorge apresentam o show "Coisas Guardadas Pra Te Dar" nesta quinta (29), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. Dirigido por Hugo Sukman, o show resgata obras inéditas de Luiz Carlos da Vila, homenageado pelo duo em repertório que revisita o samba do autor de "Coração Radical". Grátis, com distribuição de senhas a partir das 18h30.

Furiosa Portátil fescha o Festival Moacir Santos

Mari Dantas/Divulgação



Nailor Proveta, clarinetista da Banda Mantiqueira, sobe ao palco da Casa do Choro nesta quinta (29) ao lado da Orquestra Furiosa Portátil, no concerto de encerramento do Festival Moacir Santos 2026, dedicado ao centenário do compositor. O repertório recupera choros de Moacir dos anos 1940 e 1950, como "Anfíbio", no arranjo original de 1949, e "Se você disser que sim". R$ 80 (inteira) e R$ 40 (meia).

Chady em voz e violão no Manouche

Divulgação



Atração do palco Supernova do último Rock in Rio, Chady faz show de voz e violão nesta quinta (29), às 21h, no Manouche. O cantor traz canções como "Maria", "Fenomenal" e o single "Te Amar é Fácil", com Bruno Caliman, mesclando pop, rock e a música brasileira em clima intimista, sob influência de Barão Vermelho, O Rappa e Oasis. Ingressos a R$ 160 e R$ 80 (meia solidária com 1 kg de alimento).

Prognoise leve seu prog rock autoral à Tijuca

Divulgação



No CaRIOca ProgFestival, a banda Prognoise, de Porto Velho (RO), apresenta nesta quinta (29), às 19h, o show de lançamento de "Tentáculos", seu terceiro álbum, no Centro da Música Carioca Artur da Távola. Formada em 2012, a banda de rock progressivo canta repertório autoral e volta ao palco no sábado (31), no Theatro Municipal João Caetano, em Niterói, com um show diferente. Ingressos a R$ 60.

Flavia Canavarro/Divulgação



Larissa Manoela e André Luiz Frambach dividem o palco pela primeira vez nesta versão brasileiro de 'Descalços no Parque'

Casados **(também)** no palco

Larissa Manoela e André Luiz Frambach vivem juntos nos palcos, pela primeira vez, um casal recém-casado em 'Descalços no Parque', clássico de Neil Simon que virou filme

Na peça, Lara e Edu voltam da lua de mel no Copacabana Palace direto para um apartamento alugado no Catete e descobrem que o casamento começa depois da festa. Na vida, os atores que os vivem conhecem bem o roteiro: casados desde 2023, Larissa Manoela e André Luiz Frambach sobem ao palco juntos pela primeira vez em "Descalços no Parque", comédia de Neil Simon com tradução, adaptação e direção de Guilherme Weber, em cartaz no Teatro Clara Nunes.

A montagem transporta a trama para o Rio de Janeiro dos anos 1950. Edu, advogado recém-formado, introvertido e polido, e Lara, otimista de espírito livre, tentam se encaixar na vida de casados num prédio sem elevador, com a ajuda incômoda de um vizinho excêntrico, Sr. Velasco (Claudio Mendes), da mãe da noiva, Dona Miranda (Flávia Reis), e de um técnico de telefone intrometido, Paulinho Cuíca (Diego de Abreu). Um encontro às cegas entre Velasco e Dona Miranda amplia os conflitos da vida a dois.

A trilha sonora, recheada de pérolas da bossa nova e do samba-canção mergulha na atmosfera dos anos dourados e faz da cidade tanto o cenário da história quanto uma perspectiva de memória. "Astuta e hilária, 'Descalços no Parque' explora os descalabros da intimidade, a distância entre o autoengano e a verdade e o quão engraçada é a vida a dois quando podemos ter uma certa distância para observá-la. É também um profundo elogio ao diálogo em um mundo tomado por surdez emocional. Esta peça é uma homenagem à comédia como forma sublime de refletir sobre o amor", define Weber.

"O meu reencontro com o teatro acontece sempre em momentos muito especiais da minha trajetória artística, e agora não é diferente. É uma alegria poder estar dividindo o palco com o André. A gente já é parceiro há muito tempo — parceiro de vida e profissionalmente —, mas nunca tivemos a oportunidade de subir ao palco juntos. Inclusive, no nosso mais recente projeto, a gente sequer contracenou. E estamos falando de uma história que é uma delícia, pois é muito bom poder tratar de assuntos que falem de coisas do coração com humor, com leveza, mas que toquem as pessoas. Eu espero que o público saia muito emocionado do nosso espetáculo", destaca Larissa.

> *"A peça explora os descalabros da intimidade, a distância entre o autoengano e a verdade e o quão engraçada é a vida a dois quando podemos ter uma certa distância para observá-la"*
>
> **GUILHERME WEBER**

"Estar no palco de teatro é sempre um exercício muito potente para um ator. Eu gosto muito, é um aprendizado diário — não existe uma sessão que seja igual à outra. Todo dia a gente aprende um pouquinho: aprende em cena, aprende com a plateia", diz Frambach, que também assina a produção associada ao lado de Larissa, Weber, Bruna Dornellas e Wesley Telles. "Quando decidimos encarar esse desafio de viver esse projeto, seja como atores, seja como produtores, a história nos cativou logo de cara. O texto é muito bom, é um clássico hollywoodiano, escrito por Neil Simon", comenta ele.

O paralelo entre ficção e biografia atravessa a obra desde a origem. Simon escreveu a peça inspirado no próprio casamento com Joan Baim. Em sua introdução à coleção "A Comédia de Neil Simon", o dramaturgo conta o incidente fundador: nos primeiros anos de matrimônio, a esposa atirou nele uma costeleta de vitela congelada porque as palavras já não davam conta de uma discussão amarga. "Um leve sorriso cruzou meu rosto", escreveu ele. O riso, aliás, sempre funcionou como bálsamo para Simon: nascido em Nova Iorque em 1927, cresceu durante a Depressão, quando a crise financeira tensionou o casamento de seus pais, e buscou na comédia o refúgio que atravessa suas peças semiautobiográficas.

Em 1963, "Descalços no Parque" estreou na Broadway e acumulou mais de 1.500 apresentações, tornando-se uma das dez peças não musicais de maior longevidade na história da Broadway e um clássico instantâneo da comédia romântica. Em 1967, virou cinema com Jane Fonda e Robert Redford, arrecadando US$ 30 milhões com orçamento de US$ 2 milhões. O Brasil conheceu a peça cedo: em 1964, Cecil Thiré e Helena Ignez protagonizaram montagem dirigida por Ziembinski; em 1990, Lídia Brondi e Thales Pan Chacon encabeçaram nova encenação, ao lado de Miriam Pires e Edney Giovenazzi, com tradução de Flávio Marinho e direção de Ricardo Waddington.

SERVIÇO

DESCALÇOS NO PARQUE

Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - (Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 28/11, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h)

Ingressos entre R$ 50 e R$ 25 (meia) e R$ 220 e R$ 110 (meia)

SÓ **CARIOQUICES**



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

O sociólogo de guaraná

Imagem criada com a IA GPT Image 2



Confesso logo, antes que alguém me denuncie: não bebo. Nem cerveja, nem cachaça, nem aquele uísque que o dono jura ser escocês e que tem sotaque de Ciudad del Este. Meu cardápio é guaraná, suco de laranja e água de coco. Em dia de pecado grave, uma batidinha de amendoim, que no meu organismo produz o efeito de um absinto.

Por isso nunca fui freguês notório de pé-sujo. Seria como frequentar o Maracanã para torcer pelo gandula. Acontece que o Rio tem dessas coisas: aqui o botequim não é lugar de beber. É lugar de saber.

Chego, puxo a cadeira de plástico com a marca de cerveja desbotada desde a Copa de 98 e peço meu refrigerante. O balconista me olha como o sacristão olha quem entra na igreja só para fugir da chuva. E cobra o mesmo preço da cerveja, por via das dúvidas.

Em dez minutos estou mais bem informado do que qualquer assinante de jornal. Na mesa do canto, três aposentados já resolveram a dívida pública, montaram o ministério inteiro e demitiram o técnico do Flamengo, este último por unanimidade. Na mesa ao lado, discutem se Deus é brasileiro ou só é torcedor do Flamengo (Exu é, tenho certeza!). Ninguém chega a conclusão nenhuma, e a graça está aí. No boteco, a conclusão é o assunto seguinte.

> **O pé-sujo** é uma universidade que não dá diploma, não cobra mensalidade e funciona até a última porta de aço baixar. Quando baixa

Stanislaw Ponte Preta, se ainda andasse por aqui, teria material para uns dez volumes do Febeapá numa única tarde de quarta-feira. E Aldir Blanc, que fez da mesa de bar um tratado de antropologia carioca, já teria batizado cada um desses personagens.

Hoje esse trabalho de campo tem até titular. O sociólogo Eduardo Freitas, o Preá, roda os botequins da cidade com o rigor de quem faz pesquisa e o copo de quem faz parte da amostra. Só em Copacabana, mapeou 75 num estudo que ele mesmo chamou de ébrio-etnográfico. Pelo país, já passou de 500 balcões. Eu sou, no máximo, o estagiário dele. Abstêmio.

E os personagens passam. Passam o tempo todo, como num desfile sem alegoria.

Tem o bebum oficial da casa, que anuncia em voz alta que amanhã para de beber. Anuncia isso, pelas contas do balconista, há vinte e cinco anos. Tem o velhinho que jura ter estado em Lima, em 2019, no segundo gol do Gabigol contra o River. A cada vez que conta, chega mais perto do campo. Começou na arquibancada. Na versão de hoje, já estava no banco, ao lado do Jorge Jesus, e foi ele quem mandou chutar.

Tem o morador de rua que pede um trocado, ganha um pastel e faz a análise mais lúcida da tarde sobre a zaga rubro-negra. Sai aplaudido.

Tem o menino que vem comprar pão a mando da mãe e volta para casa com o pão, uma bala Juquinha e três palavrões novos no vocabulário. Educação continuada.

Lá no alto, num suporte que desafia a engenharia, a televisão fica ligada o dia inteiro. É o único lugar do Rio onde um gol do Vasco, uma nota de escola de samba e a cotação do dólar recebem o mesmo tratamento: um palpite e uma gargalhada.

Logo abaixo, ao lado do caixa, São Jorge monta guarda de lança em riste, com vela acesa e um copo aos pés do cavalo. Ninguém sabe ao certo se ele protege a casa do dragão ou do fiado. Pelo sim, pelo não, o dono deixa a imagem de frente para a porta.

E tem Dona Zezé, que atravessa a calçada com o Duque, um vira-lata que já passou dos cinquenta anos, em idade de cachorro. Os dois andam no mesmo compasso, devagar, e o boteco inteiro para de falar mal do governo só para dar boa-tarde aos dois. É a única unanimidade da rua, mais até do que a demissão do técnico.

Eu, de guaraná na mão, observo tudo como um sociólogo de bermuda. O pé-sujo é uma universidade que não dá diploma, não cobra mensalidade e funciona até a última porta de aço baixar. Quando baixa.

Na hora de ir embora, pago minha conta, que é a menor da casa, e o balconista me dá um sorriso de quem já entendeu o tipo. Saio sem ter bebido uma gota. E, mesmo assim, meio tonto. De gente, de assunto, de Rio de Janeiro.